

INTRODUÇÃO à FILOSOFIA

Marly N Peres

2

70

Rio de Janeiro, 2025

Sumário

Sobre a metodologia	7
Apresentação	9
Abstração	11
Uma questão de princípio	15
Pano de fundo	33
Primeiros pensadores	63
Herança	113
<i>Mythos</i> e <i>Logos</i>	121
Panorama histórico-geográfico	133
Linguagem	149
Ponte com a Europa	159
Resumo comentado	175
Referências bibliográficas e 1 filme	185

SOBRE A METODOLOGIA

Na elaboração de um curso de Filosofia, ou do material pedagógico respectivo, surge sempre a questão do critério: cronologia ou campos da própria Filosofia (ética, estética, metafísica, lógica etc.)?

O mero ordenar cronológico deixa de fora a discussão que remete os conteúdos à vida real do aluno. Assim também a classificação por autores, que impede a articulação dos temas.

Este livro tem a modesta pretensão de fazer uma introdução que leve em consideração um conjunto de elementos que coabitam com a Filosofia e que compõem desde sempre o contexto no qual ela se desenvolve.

A intenção não é fornecer quadros completos, fechados, acabados, mas sim dar pistas para a reflexão – pois, afinal, o que é filosofar, senão pensar por si próprio?

A discussão filosófica brota da vida. Costuma-se dizer que o próprio início da Filosofia, na Grécia, foi o espanto. O que é provavelmente verdade. Hoje, ainda, é ela que pode vir em nosso socorro, nos ajudando a encontrar o fio dourado que nos ajude a sair do labirinto – o labirinto do excesso de informação, de um

mundo cheio de mentiras e de violência, de diálogos de surdos, de planeta em perigo, de multiplicação de redes sociais e tecnologias em progressão geométrica – por vezes transbordante, angustiante.

Acredito firmemente que a introdução a esse fio histórico formado pelos pensadores pode nos ajudar a lidar melhor com tudo isso, ou seja, pode (e deve) nos ajudar a viver bem.

AMOSTRA

APRESENTAÇÃO

Introdução à filosofia pertence a um conjunto de três outros livros: *INTRODUÇÃO À MITOLOGIA E PRIMEIROS PASSOS EM FILOSOFIA ANTIGA*.

E é bem disso que se trata: de percorrermos juntos os primórdios da história do imaginário do Ocidente, sem o qual a Filosofia não teria sido o que ela é, nem feito como se fez. Ela é resultado de um processo histórico (e não o “milagre grego”), por isso esta primeira fase da civilização ocidental, a do mito – ou pré-Filosofia, como preferimos – é essencial e determinante.

Por isso vale frisar que este volume **não pretende ser uma Introdução à História da Filosofia**, mas sim uma **Introdução à Filosofia**, contemplando o universo imaginário, histórico e geográfico que a precedeu imediatamente.

ABSTRAÇÃO

E eles subiram até o alto da Acrópole. Circunspectos e respeitosos, depositaram no templo da Deusa as imagens tão caras da tradição – as estátuas que representavam toda uma história de valores forjados na luta pela sobrevivência, durante os longos séculos de caminhada solitária e dura, sem um monarca interlocutor de estrelas.

Esses homens livrados a si mesmos cumpriam finalmente a mais bela de todas as epopeias, rigorosa e simples. Consumava-se assim a aventura que se transformaria no próprio sinônimo de humanidade – o sonho da Razão.

Mas os gregos amados dos Deuses, não se desfiaram das imagens. Cuidadosos, eles as depuseram aos pés de Athena, a patrona e protetora da civilização. Para que ela as guardasse, qual *palladion* sagrado. Reverenciavam assim suas origens. Nossas origens. O gesto de Anaximandro foi a um só tempo emblemático e premonitório: ao oferecer sua geométrica esfera à cidade nascente, ao compartilhar o novo saber, despojado de misticismo e de revelação, ao colocar sob o olhar de todos os atenienses os diversos aspectos da vida social e política, ele cunhava simbolicamente o

que se consumaria como a maior realização do pensamento que nos define.

Esses Deuses embalam há séculos e séculos nosso imaginário comum. Os filhos de Europa perpetuariam o relato que nem mesmo a mão dura, cortante e autoritária da religião de Estado conseguiria aniquilar. Qual esfinges gravadas a fogo no espírito humano, as estátuas Olímpicas eternizaram os valores que encarnam, de Justiça, Beleza, Harmonia, Ordem, Força etc.

E ali, no alto da Acrópole, símbolo terrestre do cimo entre nuvens, tendo tomado em seus braços e mãos as figuras esculpidas em pedra, os gregos amados dos Deuses as depuseram na Casa de Athena. Criavam assim o Olimpo na Terra, figuravam a morada divina. E dessa forma congelaram-se no tempo as estátuas sagradas, qual o *palladion*, bafejadas pelo próprio Chronos e assentadas sobre nosso primeiro chão firme, Gaia, mãe de tudo o que existe. Pés postos na terra, cabeças fincadas no céu-Urano estrelado, e de olhar voltado para as paixões humanas, essas imagens do que é essencial à vida em comum, estátuas altivas e belas, ali estão para nos lembrar o que somos, o que nos define, o que escolhemos como valores para nos representar.

E ali elas ficaram e ficarão para sempre, no tempo da Deusa, protegidas e honradas. No umbral da porta que separa o humano do divino ao qual não temos direito.

E então, depois de ali depositá-las aos pés da guardiã da civilização, eles se foram. Desceram a en-

costa, de volta à cidade dos Homens. Sem Deuses. Dali em diante, nós, o efêmero que se alimenta do que é perecível, carregáramos uma parcela, maior ou menor, dos veneráveis Deuses dentro de cada um de nós. Um pouco da fumaça que nutre, uma faísca da centelha olímpica que enobrece.

Deixadas ali as estátuas, imagens dos valores que nos definem, ficou então a humanidade com a ideia que cada uma dela simboliza. Abríamos assim mão da pedra, para ficar só com o conceito. **A essa abstração consumada** depois de séculos de processo histórico e humano **deu-se o nome de Filosofia.**

UMA QUESTÃO DE PRINCÍPIO

Um curso de Introdução à Filosofia só pode começar pela Grécia. Nas outras civilizações Antigas há sem dúvida pensamento, sabedoria, conhecimento e talvez mais. Mas não há o que chamamos de Filosofia.

Porque a Filosofia é filha da *polis* (cidade, em grego). E eu me filio modestamente a essa leitura e tradição. Não se trata de interpretação, mas sim de leitura. Ou seja, ela se justifica racionalmente, com argumentos demonstráveis. Até porque em Filosofia não há espaço para interpretações.

Neste curso de **Introdução à Filosofia**, apresentarei o quadro que serviu de pano de fundo à Filosofia e à pré-Filosofia, como dizia J.-P. Vernant – tudo aquilo que a doutrina chamou mais tarde de “mitologia”. Porque, como sabemos, mitologia é a religião dos outros. Mas essa é outra discussão. Aqui, trataremos realmente da introdução à Filosofia, literalmente falando.

Por isso, começaremos com os **elementos históricos, geográficos, linguísticos que compuseram o imaginário que levou à transição do mito à Razão** (novamente, Vernant) e a permitiu e condicionou, para em seguida passar esquematicamente aos primeiros momentos desse modo de pensar que forjou o Ocidente.

Num primeiro momento traçaremos esse quadro geral e amplo. Em seguida, nos deteremos sobre as linhas mestras da chamada mitologia grega, que nos fornece o **simbólico ocidental** em todo seu esplendor. Porque sem esse elemento, não teria havido o culminar disso que foi chamado de Filosofia. E só a seguir faremos um breve resumo dos primeiros momentos do pensamento racional, essa Filosofia nascente – dos Físicos a Aristóteles, passando por Platão e Sócrates.

Histórias que vêm de longe

Alguma vez você imaginou que foi há mais de 30 séculos que surgiram os elementos que compõem seu modo de pensar? Pois foi. Os óculos com os quais vemos o mundo são gregos. Por mais que outras culturas possam nos fascinar, nós ocidentais pensamos e funcionamos como eles – de modo racional. Claro que isso não quer dizer que os outros povos são irracionais! É só que em Atenas é que nasceu uma certa forma de Razão que se perpetuou e que move este mundo que é o nosso. Como diz Bertrand Russell, é sempre odioso comparar culturas diferentes, mas se fosse o caso de caracterizar a civilização ocidental com uma só frase, então diríamos que ela **se construiu sobre uma ética essencialmente grega, a da iniciativa mental.**

Mas, se os tais óculos são um filtro racional, as paixões que nos animam, as emoções que nos movem são de outra espécie. Essa é nossa herança de mais 3000

anos. Porque a Filosofia como forma acabada surge cerca de 600 anos antes de nossa era, mas a formidável mitologia grega é muito mais antiga. E é ela a linguagem SIMBÓLICA mas não fantasista, o pano de fundo dessa Razão que fundaria a lógica e, mais tarde, as ciências – e que assim se tornaria senhora do mundo. E ela é mais do que Razão.

É a mitologia que nos deu as **imagens que se transformaram em arquétipos** do Ocidente. Foi ela a matéria-prima do sonho, que os bélicos romanos tiveram a sabedoria de não destruir – de onde a famosa frase: “O rude conquistador conquistado por sua presa”. Como sabemos, a mitologia romana é praticamente toda grega, os romanos se limitaram a traduzir os nomes das divindades; mas mantiveram todo o panteão grego, tudo aquilo que chamamos de *cosmogonia* – a gênese do Cosmos, a gênese do mundo.

Foi assim que a história incorporou figuras como a de Pandora, que simboliza, entre outras coisas, a curiosidade feminina – quando ela abre seu famoso jarro e deixa escapar todos os males, que se espalham para sempre sobre Terra. Ou a de Afrodite, Deusa do amor e dos relacionamentos. Ou a de Zeus, o soberano Deus, o mais forte, aquele que manterá para sempre seu poder porque engole a Deusa da astúcia (o feminino) – aqui, os gregos não só imaginaram uma explicação para a manutenção do poder equilibrado, como ainda fizeram nascer dessa união a Deusa da sabedoria e da justiça, Athena.

Elementos como esses – sabedoria, justiça, astúcia, curiosidade passariam a fazer parte da cultura de todo um universo mental, o nosso. A mitologia grega é um mundo de aventuras. Vivas e animadas como a vida real. Seus Deuses são antropomórficos: eles sentem amor, inveja, ciúme, amizade, lealdade, ternura, alegria, soberba, fúria, parcialidade. E esses sentimentos é que promovem a belíssima série de histórias entrelaçadas entre si que tanto se parecem com nossa vida de todos os dias, mas que **forjam um código de valores** que serve de base para a vida em comum, a vida na cidade.

Obs.: aqui chama a atenção a diferença entre ética e moral, já nos primórdios, muito antes da emergência da Filosofia. A ética é um código de valores, enquanto a moral é um mero código de conduta.

O detalhe especial dessa herança é que a mitologia e o pensamento gregos formam um monólito indissociável, porque não se pode separar o hoje do ontem: é ingenuidade imaginar que um belo dia alguém acorda e começa a pensar de outra forma. O pensamento não é mensurável, não cabe numa pipeta – ele é resultado daquilo que chamamos de ‘processo histórico’.

A transição entre mito e pensamento racional se deu num processo de incorporação, e não de corte abrupto. Incorporação, pelo pensamento racional, dos elementos presentes nos mitos, que tentam **explicar o real nos falando de forças da Natureza**. Em sua consciência ninguém acreditava que só ventava quando Zéfiro soprava, ou que a Lua fosse uma Deusa com uma cabeça

tripla (as três fases visíveis). Não. O que os mitos fazem é **reunir em histórias explicações simbólicas**.

O mito declina quando os primeiros sábios põem em discussão a ordem humana, traduzindo-a em fórmulas acessíveis a sua inteligência. Sem o serviço de meteorologia, ficava difícil explicar o vento, a chuva, as tempestades, os cataclismos. E a **imagem** dos Deuses **simboliza** cada uma dessas forças.

Na sequência, quando surge a Filosofia, os pensadores se dedicaram a dissecá-las, a dissecar a Natureza como num laboratório: em vez de supor que a melancolia era colocada em nossa psique por uma Deusa, eles preferiram uma explicação resultante da análise da medicina nascente. Com isso, separaram o universo em 2 reinos: o da *physis* (Natureza) e o da *polis* (cidade). Ou seja, a vida é **natural e política**.

Mas é preciso tomar um cuidado básico: **não reduzir a Razão ao racional**. Porque dela também faz parte o sonho, o mágico, o poético (como dissemos no início do texto). E o simbólico, por excelência. Todos objeto do mito.

Em Filosofia, costumamos dizer que os primeiros pensadores deixaram os Deuses no umbral da porta. Isso não quer dizer que eles tenham virado as costas ao seu passado, abandonando de vez e abruptamente seus mitos. Não: só significa que esses mitos foram ganhando outra função. Transmitidos oralmente, faziam e continuaram fazendo parte da tradição cultural. Os rituais e oferendas continuaram a ser feitos, mas com

a emergência de um pensamento racional ficou estabelecido que os problemas da cidade precisavam ser resolvidos pela própria cidade.

Um exemplo disso é a esfera de Anaximandro, um dos primeiros pensadores (figuras que chamaríamos hoje de cientistas). Quando ele constrói uma esfera de metal toda feita de raios, mostrando que o fato de os raios serem todos iguais é que permite o equilíbrio da esfera, está fazendo uma verdadeira revolução. Na mitologia, o mundo repousa sobre os ombros de Atlas – essa foi a maneira encontrada para explicar por que ele não despenca. Na Filosofia, o pensador desmistifica, ou seja, demonstra que não há explicações mirabolantes para a realidade. Não há mistério. Anaximandro deposita sua esfera à entrada do templo de Athena como presente à cidade, num gesto de compartilhamento de saber.

Pois o equilíbrio dos raios da esfera simboliza a reciprocidade das relações na cidade. Mas nesse episódio fica bem evidente a importância do simbólico: **o pensador deposita sua esfera aos pés de Athena, a patrona da civilização** (entre outros atributos).

Quanto ao mito, o que ele nos dá são **metáforas**. Metáforas que ainda hoje persistem, porque explicam as questões primeiras de todo ser humano – sobre a origem e o fim da vida, ou seja, sobre seu sentido. Na fase seguinte, a chamada passagem do mito à Razão, é feita a distinção entre o mundo da Natureza (humano) e o sagrado.

A filosofia grega se transforma em herança porque ela se faz pelos homens para os homens, para tratar da relação entre os homens. Isso é que significa ‘deixar os Deuses no umbral da porta’.

Mas ela faz isso numa relação de continuidade, e não de rompimento: quando os primeiros pensadores procuram situar num elemento a explicação para o princípio que regula a vida, a realidade, estão concebendo esses elementos como forças. Assim, um dirá que é o elemento úmido (água); outro dirá que é o seco (ar); outro que é o quente (fogo) etc. – e **ao conceber elementos como forças, os concebem como imperecíveis, como os Deuses.**

Trata-se de identificar, para além das múltiplas aparências, a unidade que faz da Natureza (o mundo no qual vivemos) um mundo ordenado. Identificar a lei que regula seu devir, a força que explica sua composição, seu nascimento, sua morte, sua mudança incessante.

Por causa dessa continuidade é que dizemos que o mito é o **pano de fundo** da nossa maneira de pensar, de sonhar e de ser.

Não se trata de histórias complicadas e improváveis, carregadas de misticismo e pouco razoáveis. Trata-se de reunir e passar a limpo todas as fontes nas quais se bebeu. Os gregos, a exemplo dos outros povos da Antiguidade, coabitavam e aprendiam uns com os outros, se nutriam de conhecimentos, mas também de imaginário e de componentes simbólicos. Todas as culturas